

## (07-E) GRUPO TARANCON (Trecho do livro- Jirones de Memoria Pág.123 )

<https://www.icart.es/wp-content/uploads/2021/09/Jirones-de-Memoria-e-historia-1.pdf>

<https://www.dropbox.com/s/zawpc5d63mfk0iq/Jirones%20de%20Memoria%20e%20historia-1.pdf?dl=0>



Foi constituído oficialmente em 1972, mas desde 1970 participava de forma não profissional nas Universidades do Brasil e no Centro Galego-Centro Democrático Espanhol.

Por um lado, parte fundamental de sua base inicial está na Seção Juvenil do CG-CDE, da qual faziam parte pelo menos cinco pessoas de seu núcleo embrionário: Emilio, Félix, Marlí, Ángel, Manolo, Juan. Por outro lado, pessoas essenciais na formação do núcleo e não pertencentes à entidade espanhola, colegas e amigos dos cursos, Miriam, Jair, Alice, contribuíram com seu entusiasmo e conhecimento. Unidos pelo mesmo entusiasmo e ideias, essas pessoas foram sem dúvida os fundadores do grupo. Pouco depois, entrou Sérgio ("Turcão"), Halter Maia. Os pontos de encontro e ensaios, por muito tempo, acontecem em uma garagem no Largo do Cambucí, casa da mãe de Félix e Emilio Nieto (Ángeles Ballenilla "Midri"). O apoio, contribuições e incentivos desde o início de Dercio e Darlan Marques e mais alguns.

O grupo Tarancón nunca pertenceu organicamente ao CG-CDE, sua independência econômica, ideológica e organizativa foi total desde o início, mas é justo destacar o apoio logístico e comunicacional que esta entidade inicialmente prestou abrindo algumas portas. Da mesma forma, a relação do grupo com o centro sempre foi de colaboração em todos os atos de natureza política, cultural ou social solicitados. O grupo participava com frequência de atos do CG-CDE. Os membros espanhóis eram todos associados e ativistas do mesmo. Era o momento das grandes greves na bacia mineira asturiana (Espanha), que mobilizou em seu apoio toda a emigração democrática espanhola. A origem é uma canção popular da bacia mineira asturiana "*Santa Bárbara bendita, padroeira dos trabalhadores, trai-lai-la-la-lara*"... Em uma dessas greves, ocorre o trágico acidente que Chicho Sánchez Ferlosio versiona e se torna popular na Espanha. O grupo já cantava então: "*Na mina de Tarancón / foram mortos onze trabalhadores / Olha como eu venho mãe, / olha como eu venho. / Quatro picas foram mortas / com seus irmãos rampleros*", ... .. que foi popularizado (e posteriormente gravado) pela cantora espanhola, Elisa Serna, em seu álbum: "*ESTE TIEMPO HA DE ACABAR*", mas a versão mais conhecida internacionalmente é a gravada pelo "GRUPO TARANCON" em seu primeiro LP "Gracias a la Vida" (1976).

A partir da greve e do ato ocorrido naquela mina popularizada na música, eles decidem tomar aquele nome de significado desconhecido no Brasil, mas muito identificado com o pensamento do grupo naquela época (posteriormente e logicamente, seu motivo de luta passou a ser latino América e Brasil dentro dela), nome ao mesmo tempo bastante sonoro e impactante. A situação de luta crescente na América Latina e, portanto, no

Brasil, determinou que seu repertório assumisse características mais condizentes com a situação em que viviam diretamente. No entanto, e como algo emblemático, a música **“na mina de Tarancón”** permaneceu por muito tempo em suas apresentações ao vivo.

Acreditamos que este breve esclarecimento é necessário porque, como em inúmeros casos, os "biógrafos" muitas vezes esquecem as verdadeiras origens do que é biografado e partem de fatos documentados na imprensa ou similares, como se os fatos anteriores, decisivos e definidores de um caminho para continuar não existiria. O grupo TARANCON tem suas raízes mais profundas na luta pela democracia na Espanha. Eles não são os únicos nem ficaram lá. Outras raízes latino-americanas, tão importantes quanto essas, mas muito mais próximas e numerosas, portanto mais dolorosas, fizeram e fortaleceram esse grupo dando-lhe as características pelas quais é conhecido: **“Saio a caminhar / pela cintura cósmica do sul,/ piso na região mais vegetal/ do vento e da luz/ sinto ao caminhar/ toda a pele da América na minha pele/ e um rio corre na minha sangue/ que libera em minha voz seu caudal.** (“Canção com todos” de Armando Tejada Gómez e Cesar Isella tornou-se o Hino da América Latina. Tarancón o tornou audível e visível no Brasil)

Em 1976 aparece seu primeiro LP **“Gracias a la vida”**, que foi sua senha de identidade por muitos anos.

*"O trabalho apresentado hoje pelo TARANCÓN tem o mérito de levar ao conhecimento do grande público brasileiro manifestações culturais de outros povos tão próximos, e não entanto tão distantes, tão desconhecidos." "[...] este LP não passará despercebido, possibilitando a realização de futuros trabalhos (tão necessários) de TARANCÓN e outros grupos [...] que estejam dispostos a continuar cantando, superando todas as dificuldades, porque uma coisa é bem clara: Em qualquer tempo e em qualquer lugar, é preciso cantar". (Extrato parcial) Juan J. Blanco. (Libreto "Gracias a la vida")*



Capa do LP.: Felix Nieto

Este grupo, por sua posição político-social e de denúncia, bem como em defesa e apoio à luta dos povos latino-americanos, teve seu trabalho inicial bastante dificultado pela ditadura brasileira. Ao longo de sua história sofreu várias perseguições da censura. (\*33) Sobre censura):

<http://webs.ucm.es/info/especulo/numero30/censura.html> “[... ..] quem seriam os interessados em gravar tais canções, é possível que seja a mesma Miriam Pedrosa, do processo analisado anteriormente, em nome do grupo brasileiro Tarancón (Miriam Mirah, Emílio, Halter e Jair). Este grupo musical, ao lado do grupo Inkari (Dércio Marques, Zé Gomes e Doroty Marques, com a participação de Saulo Laranjeira) e do Raízes de América, contribuíram para que, em meados da década de 1970, um rico cancionário em espanhol fosse popularizado no Brasil. No segundo disco do Tarancón, de 1977, **Plegaria de un labrador**, foi gravada. Provavelmente o grupo deve ter recorrido da decisão da SCDP (Serviço de Censura e Diversões Públicas) de São Paulo e obteve êxito para conseguir aprová-la em grau de recurso”. (Ver também em Homenaje a Antonio Machado .Pág. 116)

O grupo Tarancón foi, sem dúvida, quem iniciou o trabalho de divulgação da música latino-americana no Brasil e por muitos anos foi a referência dessa música no país. Ver artigo de Tania Costa García <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1435> sem dúvida escrito com boas intenções mas com várias imprecisões devido ao desconhecimento, sobretudo das origens e formação do grupo e outros, que viram e analisaram de forma superficial e provavelmente por limitação de espaço, erram ao abordar questões que não afetam ao Tarancón, como se fossem dele.

Uma característica importante do grupo foi o enorme papel que cobria o fundo do palco, como se escondesse alguma coisa, e a escada de tesoura, o pote com diversos pincéis e a variedade de latas de tinta, que sempre apareceram como elementos essenciais para a cena e que Félix Nieto, utilizava durante a apresentação para fazer a enorme pintura, que a atuação o inspirava, e depois usada como pôsteres e programas.



As relações de amizade e cooperação permaneceram até o desaparecimento do CG-CDE, uma vez restabelecida a democracia na Espanha. E necessária uma história completa do grupo, por suas raízes e vínculos sociopolíticos iniciais com a emigração democrática espanhola, e por sua trajetória de luta e reivindicação geral que faz parte da história da música em Brasil.

Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu  
A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu...

...O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração.

Faz tempo que a gente cultiva  
A mais linda roseira que há  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega a roseira pra lá

Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração.

(Chico Buarque) – Roda viva